

NESTE NÚMERO:

A história de **VICENTE**
- o "mandjombo"
que triunfou no Belenenses



CRÓNICA
Desportiva
N. 36

15-DEZEMBRO
1957
Preço
1\$50

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 36 — 15-12-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR

& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

BELENENSES E MARINHENSES

e os seus «VIVEIROS» de jogadores de palmo e meio

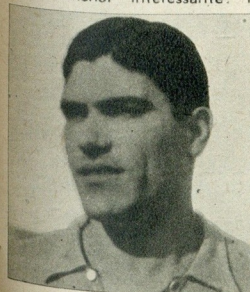
Obra grandiosa no campo do fomento do futebol nas classes juvenis, estão a levar a cabo dois clubes de projecção dispar. Um é o Belenenses, um dos «grandes» do nosso futebol. O outro, mais modesto, labutando na II Divisão, é o Atlético Marinhense.

No clube do Restelo ronda a centena os garotos que carinhosamente Artur Quaresma vai treinando dia a dia. Pois na Marinha Grande o «viveiro» ainda é mais populoso.

Cerca de três centenas de rapazes, dos dez aos treze anos, aprendem, com Armando Carneiro, o ABC do futebol. Metade já tem equipamentos completos, o que demonstra bem o carinho que os rodeia.

Pormenor interessante: na Marinha Grande para se ser pequeno futebolista

é necessário ser também bom estudante, pois Armando Carneiro anda a par dos estudos dos seus pupilos. O futebol é assim um incentivo para os estudantes —uma iniciativa que merece o nosso caloroso aplauso e, — por que não? — a atenção de quem se interessa pelos problemas da educação.



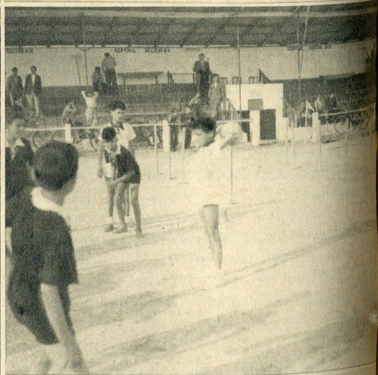
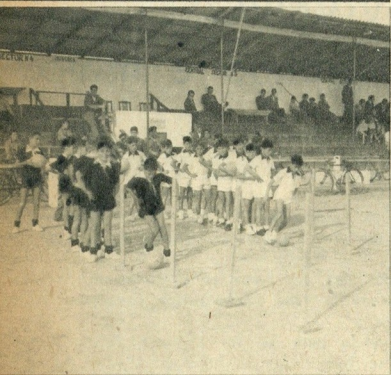
Artur Quaresma



Armando Carneiro

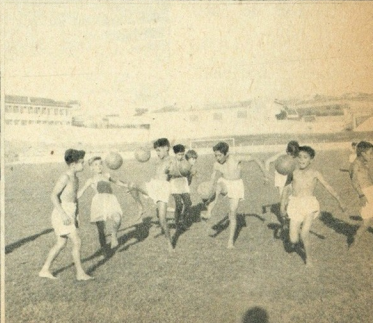
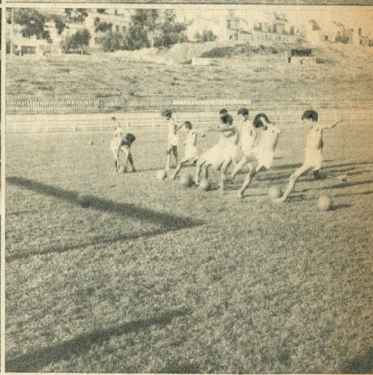
NO «VIVEIRO» DA MARINHA GRANDE

Preparação física, domínio da bola, pormenores de execução, técnica de defesa da baliza, treino de conjunto — de tudo se pratica no colossal «viveiro» de jogadores de palmo e meio da Marinha Grande. Parabéns a Armando Carneiro e seus directores.



NA «FÁBRICA» DE BELÉM

Des portões das Salésias ao campo relvado é uma alegria entre a pequenada belenense. Eis várias fases de adostramento futebolístico, que Artur Quaresma instrui a auditório atento.



Curiosidades desportivo - filatélicas

Prosseguindo na apresentação de selos desportivos, pela ordem cronológica, reproduzimos os espécimes criados em 1929. Trata-se de um selo canadiano e dois russos — os primeiros dos respectivos países.

O do Canadá é dedicado a regatas de barcos à vela. Trata-se de uma espécie rara, avaliado em 10.000 libras (500\$00). Usado, o selo poderá custar a quinta parte do valor em novo.

Os dois selos russos que citamos pertencem a uma série emitida em 15 de Agosto de 1929. O par custará 1.000 libras (50\$00). Valor mediocre, portanto.

A emissão foi dedicada à primeira assembleia de escutistas da Rússia.



É impressionante a maneira como este motociclista do exército sueco se desembaraça da água e da lama.

Trata-se do sargento Nilsson, campeão nacional sueco de motociclismo.

Não sabemos que mais admirar: se a sua perícia, se a qualidade da motocicleta...

PERÍCIA... E BOA MÁQUINA



ESTA SEMANA FAZEM ANOS...

Domingo, dia de futebol. Três jogadores, pelos menos, fazem hoje anos.

O mais velho é o defesa do Atlético, **Júlio José Barreiro**. Nasceu em Melgaço em 15 de Dezembro de 1928. Faz, pois, 29 anos. Uma só camisola — e está tudo dito.

Segue-se o lusitanista **Vicente Guiomar Camilo**. Nasceu em Lisboa em 15 de Dezembro de 1929. Completa 28 anos, portanto. Começou a sua carreira nos juniores do Clube Operário lisboeta. Em 1950-51 ingressou no Sporting, que o dispensou em 1954-55 ao Lusitano, onde se encontra.

O terceiro homem é **Américo de Almeida Mota**, que foi campeão nacional de juniores pela Académica de Coimbra.

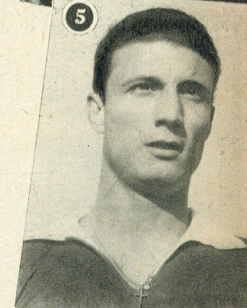
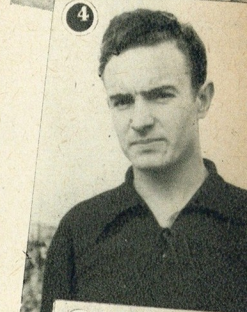
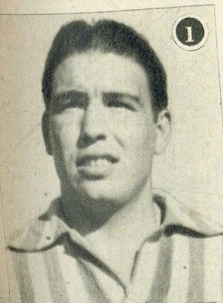
Outros aniversariantes da semana:

Na segunda-feira, **João Francisco Mendonça**, completa 28 anos, pois nasceu em 16 de Dezembro de 1929, em Luanda. Clubes representados: 1946-47 — Sporting; 1950-51 — Juventude; 1953-54 — V. Setúbal; 1954-55 — Torriense; 1957-58 — Braga.

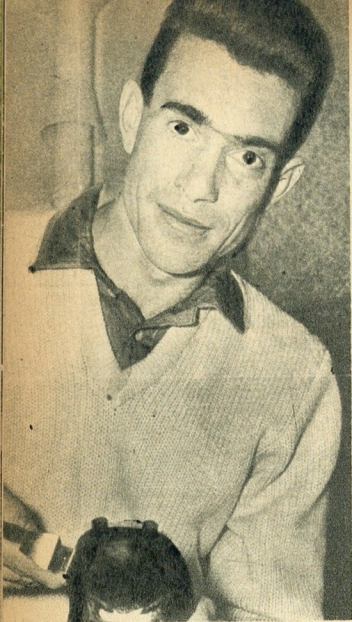
Na sexta-feira festeja o 26.º aniversário o médio académico, **Francisco Domingos Ricardo Abreu**. Nasceu em 20 de Dezembro de 1931. Principiou nos juniores do Olhanense em 1948-49 e desde 1951-52 que está na Académica de Coimbra. É internacional Militar.

Finalmente, no próximo sábado festeja também o 26.º aniversário, o extremo esquerdo internacional do Benfica, **Domiciano Barrocal Gomes**, mais conhecido por «Cavem». Nasceu em Vila Real de Santo António, em 21 de Dezembro de 1931. Júnior do Lusitano vilarealense em 1949-50, manteve-se neste clube até 1952-53. Esteve depois duas épocas no Sporting da Covilhã e em 1955-56 ingressou no Benfica.

Parabéns ao simpático sex teto.



1) Barreiro; 2) Vicente; 3) Mendonça; 4) Abreu; 5) «Cavem».



Este é o novo ídolo das balizas da França

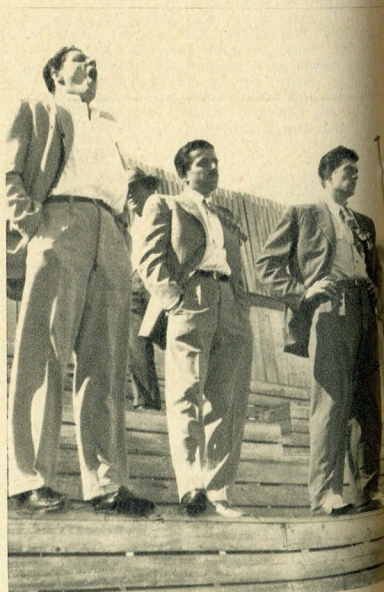
É guarda-redes do Saint-Etienne e já o vimos em Lisboa e no Porto. Trata-se de Claude Abbès. Salvou a França em Bruxelas, recentemente, contra a Bélgica, mantendo as suas redes invioláveis. Isso levou os tricolores à Suécia.

Contra a Inglaterra, porém, em Wembley, sofreu uma carga num rim, que o obrigou a ser internado num hospital.

Habitualmente, os jornais chamam-lhe Abbès, o que lhe desagrada, pois soa a norte-africano. Abbès é meridional e não tem acento sobre o e.

Ei-lo, como brioso profissional que é, a pôr os «pitons» nas botas — antes do acidente.

O ÚNICO QUE FALA... ...É O CALADO!



Um instantâneo de ontem, que pertence a qualquer época. Porque o Calado é assim mesmo: não pode estar... calado, quando o Benfica está na mó de baixo.

Estava ele, um amigo e o Bastos, a assistir a um jogo de «reservas», e as coisas não corriam bem para os da «cor». O Calado não se conteve e gritou para o campo:

— P'rá frente!! Vamos ao golo!
Vá lá apanhar o Calado... calado!

A Natação Feminina num país que luta com o mar...

A bela nação que é a Holanda dá-se também a designação de Países Baixos. À luz do tema desportivo, não se pode concordar com isso. É que a Holanda, através de modelar organização é um País de altos exemplos e virtudes, mormente na quantidade percentual de população a praticar Desporto.

Nomes como os de Visser e Blanckers Koen (atletismo), Schulte e Wout Wagtmans (ciclismo), Wilkes e De Harder (futebol) e Van Dinter (hóquei), têm-se imposto entre os melhores europeus, justificando a celebridade que desfrutam.

Mas é a natação feminina o forte dessa magnífica Holanda onde a luta com o mar não criou, nos habitantes qualquer complexo de animosidade contra as águas. As piscinas são muitas, estão sempre cheias e vão surgindo figuras destacadas como as de Mary Kok, Den Haan, Cockie Gostellaars e Geertje Wielema, um friso que bem pode aspirar a ser considerado do melhor do Mundo, embora todas elas rondem apenas os 20 anos de idade!

Tem somente 10 milhões de habitantes essa nação que domina a mais bela modalidade desportiva, no sector feminino.

A juventude empolga-se com as proezas das sucessivas «vedetas» de projecção europeia e mundial e o trabalho de útil continuidade fica assegurado. Enfim, a Holanda, dos moinhos poéticos e das túlipas de surpreendentes cores, dá um belo exemplo a todo o Mundo!



Mary Kok

Dean Haan



Gostellaars



Wielema





BOUVET ia perdendo o braço . . .

O francês Albert Bouvet é um bom e destemido ciclista. E tão destemido que, sobre a máquina, na estrada ou em plena pista, o magnífico corredor esquece-se da vida. Por força do Destino, que vela pelos homens arrojados, Bouvet raramente tem acidentes.

Desta vez, porém, a sua boa estrela desacompanhou-o. E aí o temos, braço deitado a baixo e a olhar inquieto, à espera do diagnóstico médico. A lesão não era de gravidade e Albert Bouvet pôde suspirar de alívio...

O «VELHO» COPPI voltou a ganhar..

Depois do seu último acidente, dizia-se que Fausto Coppi não voltaria a correr.

Mas o «camponíssimo» anunciou o seu regresso. E, então, as más línguas disseram: «Coppi não ganhará mais provas».

Puro engano. Coppi voltou — e eilo vencedor do «Troféu Baracchi», aparecendo-nos aqui, sem esconder o seu cansaço, a receber as felicitações dos franceses Anquetil e Darrigade, à esquerda.



SCOTTI

o veterano de Marselha regressou ao futebol...

Scotti é um futebolista marselhês, que ama três coisas na vida: a família, o futebol e o Olympique de Marselha. Por falta de «lembança» dos seleccionadores, só aos 31 anos Scotti foi, pela primeira vez, internacional.

No entanto, dois anos mais tarde, coube-lhe defender a França contra a Rússia, em Paris, num jogo sensacional, ganho pelos franceses, no Outono do ano passado.

Há poucas semanas, Scotti, a alma do Olympique, decidiu abandonar a actividade. E afastou-se.

Logo o Olympique, de gloriosas tradições no futebol francês, caiu, domingo a domingo.

Então, a direcção do clube voltou a chamá-lo.

Como bom marselhês, filho da Cannebière, Scotti voltou. E o «Marselha» começou a ganhar.

Há homens que são a alma e o coração de certas equipas.

Nas fotos presentes, Scotti, junto da esposa e do filho, contempla a camisola da vitória sobre os russos. E noutra está acompanhado de Plautoni, Vincent, Fontaine, Cirsowski e Wiesnisky.



ALARME ENTRE OS ADMIRADORES DE TRAVAÇOS...

Involuntariamente espalhámos certo alarme entre muitos admiradores de José Travaços, dado que na entrevista publicada no número anterior, o «internacional» leonino comunicava que fará a festa de despedida no primeiro domingo da próxima época.

Trata-se, sim, de festa de homenagem! Como o próprio Travaços nos dizia antes, continuará a jogar — «até cair para o lado», quer dizer, até poder e o Sporting querer!

As nossas despedidas...



O HIPISMO E ISTO



BELEZA EMOÇÃO PERIGO

O desporto hípico, dadas as dificuldades de que se reveste, é considerado das mais emocionantes, duras e perigosas modalidades, não só porque exige dos cavaleiros e das montadas um enorme dispêndio de energias, mas também pelo tempo gasto no aperfeiçoamento dos cavalos e técnica dos cavaleiros.

Instintivamente, o cavalo gosta de correr e saltar, mas é trabalho do seu instrutor ensiná-lo e corrigi-lo dos defeitos, para que se possa tirar todo o partido das suas faculdades físicas e de inteligência e só quando o animal atinge

grau de perfeição bastante elevado é que se lança em provas de competição — e tanto mais difíceis, tanto mais intenso treino lhe é imposto.

Essa, a razão principal de nos grandes torneios internacionais apenas serem inscritos cavalos cujas qualidades estejam sobejamente reconhecidas. Porém, acontece por vezes darem-se acidentes em que tanto o cavaleiro como o cavalo são vítimas de desastres de maior ou menor gravidade.

E destes acidentes o que mais celeuma levantou foi aquele passado na prova olímpica de Corta-Mato, disputada em Estocolmo, em 1956, durante a «Prova Equestre dos Três Dias», em que perdeu a vida o cavalo italiano «Ucello», ao tentar transpor o obstáculo número vinte e dois.

Os peritos foram todos unânimes em afirmar que o percurso era duro e os obstáculos difíceis, mas todos dentro das regras do hipismo. Muitos dos obstáculos mediam 1^m.22

EM CIMA:

O hipismo é assim: Beleza, Emoção e Perigo.

A DIREITA:

Nesta prova de «Caça» cavaleiro e cavalo caíram cada qual para seu lado, ficando ambos em posições perigosas e aparatosas.



(o máximo da altura) e foram colocados em situações diversas.

O obstáculo causador da morte do «Ucello» provou, com efeito, ser dos mais perigosos, pois o terreno onde se encontrava, devido à chuva violenta que havia caído na véspera ficou completamente encharcado, o que concorreu imenso para aumentar as dificuldades que se apresentaram aos concorrentes.

Para se fazer ideia dessas dificuldades, diga-se, que além da morte do cavalo italiano, caíram mais onze cavalos e trinta e quatro recusaram saltar. Entre os cavaleiros os desastres não foram menores, pois os ferimentos variaram as fracturas desde pernas às costelas.



Mas o que aconteceu em Estocolmo sucede em grande número de provas hípcas como se revela nas sugestivas fotografias que ilustram estas páginas.

EM CIMA:

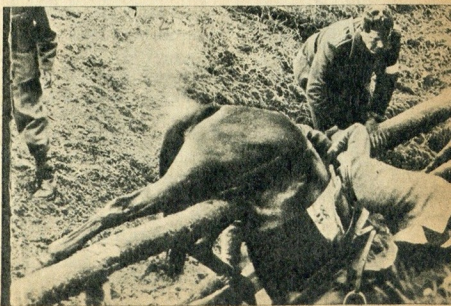
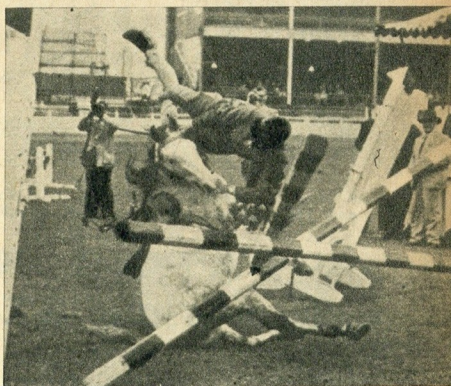
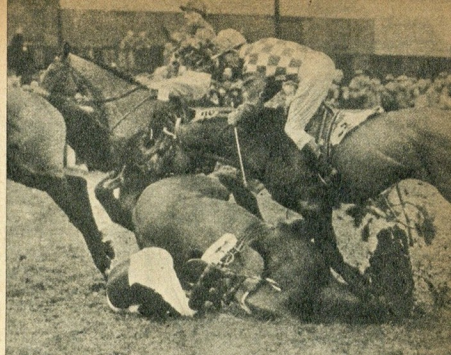
O «jokey» Jack Dow Deswell, montando «Fogo Romano» não pôde evitar o choque com «E. S. B.», caído juntamente com Tommy Casack, seu cavaleiro, no Grande Prémio Nacional de 1955, na Inglaterra.

AO CENTRO:

Nesta confusão de postes e cavalo, o cavaleiro parece fazer o que a montada não conseguiu: transpor o obstáculo.

EM BAIXO:

O cavalo italiano «Ucello» vítima de queda fatal ao transpor o obstáculo n.º 22, é retirado da cancela.





No ano da baixa de Divisão da Académica, 1948: Azevedo antecipa-se ao seu guarda-redes, com vários colegas na defesa... No entanto, os «leões» venceram por 6-1

AS «CAPAS NEGRAS» novamente em ALVALADE!



Amiúde, a Académica deixa o campo do Sporting com muitos golos assinalados em seu desfavor, no marcador. Atente-se nos resultados que rondam a meia dúzia: 5-1 em 1935; 7-2 em 1937; 7-1 no ano seguinte; 6-1 em 1940; 7-1 a seguir; 6-1 em 1946; 9-1 (recorde) em 1947, seguido de 6-1, 6-0, 7-0, 4-0 e 5-0!

A partir de 1953-54, as coisas mudaram de figura. Nesse ano, os «leões» limitaram-se a vencer por 3-1. Na época seguinte perderam mesmo: 1-0. Depois, venceram os «leões», mas dificilmente: 2-1... Na época passada tornaram

A ESQUERDA:

Rocha — o fulcro da «Briosa» no memorável Sporting-Académica da época passada. Tinha sido recém-transfido...



No Lumiar, em Fevereiro de 1945: Peyroteo bate António Maria em Corrida. O Sporting venceu por 5-3

os académicos a triunfar, e de que maneira! Tinham vindo de África e «fizeram miséria» em Alvalade, à noite.

Os «leões» não o esqueceram... É esse mesmo o atractivo maior do jogo que porá hoje frente a frente duas das equipas que melhor futebol praticam!

Jesus Correia, grande figura do jogo que o Sporting ganhou em 1950 por 6-0



UMA ESTRANHA TENDÊNCIA paíra sobre os jogos V. SETÚBAL-ORIENTAL

Entre o Oriental e o V. Setúbal há não sabemos que afinidade na luta da despromoção. Em 1950-51 — ano da estreia do Oriental na I Divisão — não houve para este clube problemas da natureza, pois classificou-se em 5.º lugar. Mas o V. Setúbal é que tomou na II Divisão, por decisão ministerial, devido a uma tentativa de suborno, a que, aliás, as colectividades foram alheias.

Em 1952 tiveram os dois clubes que fazer o golo de passagem, vencendo os sadinos. Mais tarde ainda lutaram os dois grupos em Setúbal, em jogo final e decisivo do campeonato de 1954, tendo o Oriental perdido... baixando à II Divisão.

Agora, a situação não é também rissonha para ambos os clubes, pois o perigo da despromoção ronda-os — se bem que haja ainda muitos jogos para a questão se resolver...

No entanto, atenção ao jogo V. Setúbal-Oriental, que pode vir a decidir mais um caso de despromoção...



França e Primo disputam a bola no desafio de Setúbal, de 1950, ganho com toda a «limpeza» pelos sadinos por 4-1

NA AMÉRICA
É ASSIM...

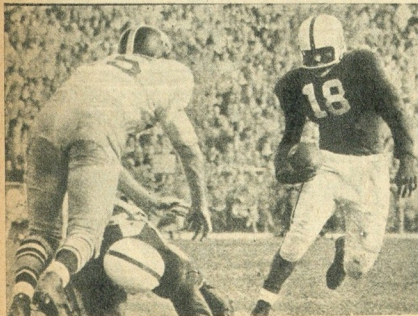


Nem só na Europa o futebol retomou o seu lugar. Nos Estados Unidos, os clubes voltaram também à actividade.

Simplesmente, o futebol americano é diferente do nosso, nas regras e na virilidade.

As suas características estão bem patentes aos nossos olhos.

Repare-se, por exemplo, no estado de tensão que precede um **match** e na figura interplanetária dos jogadores em acção:



Soluções dos passatempos deste número

FOTO-ENIGMA — Luxemburgo, 3-1 a favor de Portugal (B).

PALAVRAS CRUZADAS—**Horizontais:** 1—Fale; atia. 2—Ate; pag.; ras. 3—las; diadema; 4—Sim. 5—As; foar. 6—Urme; oiã; fer. 7—Oram; eu. 8—A. F. P. 9—Alfredo; eu. 10—Tai; uis; rei. 11—Ermo; Luís. **Verticais:** 1—Faia; mate. 2—Ata; amo; lar. 3—Lês; Serafim. 4—AFR. 5—PD; Pompeu. 6—Pai; dia. 7—Castão; os. 8—Dio. 9—Tremate; cru. 10—lam; reu; rei. 11—Asas; Reis.

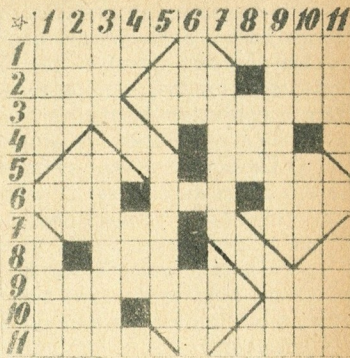
XADREZ—Ce3 — Bf2 — Rd7 — Pe6.

DESPORTO MENTAL

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS—1. Jogador do Lusitano de Évora; moeda portuguesa de Dio. 2. Género de órquideas; abreviatura de página; pano de Arrás. 3. Caminhavas; diademas com que se cinge a testa. 4. Afirmativas. 5. Campeão; estrondear. 6. Alumen. 7. Povoação portuguesa da Beira Litoral; possuir. 8. Associação de Futebol do Porto. 9. Jogador do Benfica; acreditada. 10. Jogador do Salgueiros; gritos de dor; soberano. 11. Deserto; jogador da CUF.

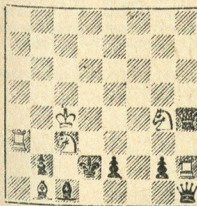
VERTICAIS—1. Jogador do Barreirense; lance no xadrez. 2. Liga; patrão; casa. 3. Solettras; antigo «internacional» de futebol. 4. Letras de África. 5. Símbolo químico do Paládio; jogador «leonino». 6. Progenitor; espaço de tempo. 7. Jogador do F. C. Porto; art. pl.. 8. Terra portuguesa da Asia. 9. Planta asterácea do Brasil; áspero. 10. Distavam; acusado; peça do xadrez. 11. Planos do avião; apelido do primeiro avançado-centro da selecção nacional.



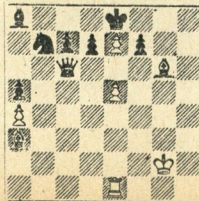
XADREZ

RECOMENDADOS NO TORNEIO
OLÍMPICO DE 1948 (dois «lances»)

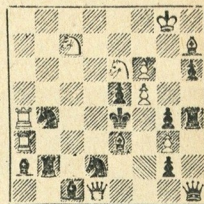
J. ZALDO
(Espanha)



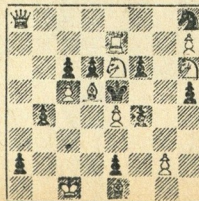
B. KNUDSEN
(Noruega)



E. M. HASSBERG
(Estados Unidos)



G. GORDAN
(HOLANDA)



O Desporto, nas suas várias facetas, quer como elemento recreativo físico e formação moral, quer como elemento recreativo, situa-se entre as actividades que mais benefícios têm prestado à Humanidade.

Na verdade, as práticas desportivas são, hoje, dos melhores meios para a aproximação pacífica dos povos (não importa a distância que os separa) e, por seu intermédio, indivíduos de raças, costumes, credos, ideologias e profissões diferentes, confraternizam e conhecem-se melhor, do que resulta maior compreensão e esperança no Mundo de amanhã.

O Desporto — fenómeno social dos nossos dias — predomina já em todas as classes: penetrou nos palácios reais, nas fábricas, nos colégios e universidades, nos meios rurais, nos conventos e nos quartéis, nas clínicas médicas e até nas penitenciárias.

Por toda a parte a sua benéfica influência é aceite. Oportuníssimas, pois, as imagens que reproduzimos, e que são um pequeno espelho da expansão do desporto nos mais díspares sectores de actividade.

DESPORTO PARA TODOS

1) A famosa actriz inglesa Mildred Mayne, cujos êxitos artísticos são mundialmente conhecidos, não dispensa uma partida de futebol com os seus jovens vizinhos. «Goals», — parecer dizer, perante a admiração destes dois simplices talares. Repare-se que apenas a 50 metros do campo de jogos fica a casa onde nasceu da sua família. 2) Num colégio de jesuítas espanhóis o Desporto faz parte integrante da sua formação: os noviços disputam um animado jogo de basquetebol, mesmo com os hábitos da sua ordem. 3) O guarda-redes seminarista, executa um voo em grande estilo e parece preferir sempre a batina a que a bola tocasse as malhas da sua blusa. 4) Pela décima segunda vez as equipas de futebol dos «Ratos», de Montigny e das «Raposas», de Romell, constituídas durante a última conflagração mundial, se defrontaram, em jogo de confraternização. O encontro teve lugar na cidade alemã de Duffeldorf, durante a feira que ali se realizou. O resultado foi favorável aos «Ratos» por seis golos sem resposta.





Sabe que equipa é esta?

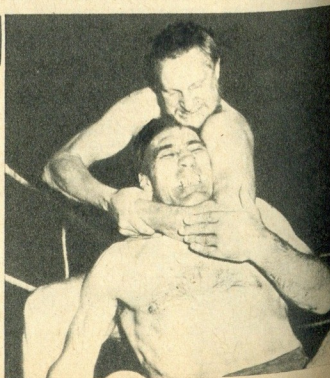
O emblema das camisolas não engana. Trata-se de uma selecção nacional. Se não fora a presença do trio Wilson-Vicente-Galaz, dir-se-ia que se tratava da selecção A... Ajudemos a recordar de que desafio se trata. Respigamos do relatório da F. P. F.: 84.º jogo internacional. Em Lisboa — Estádio Nacional — 10-4-1955. Árbitro: Rafael García Fernandez (Espanha). Jogadores: Costa Pereira, Artur Santos e João Galaz; Vicente Lucas, Mário Wilson e Júlio Pereira «Juca» (cap); Ezequiel Baptista, Monteiro da Costa, Mário Coluna, Hernâni Silva e José Pedro. Na segunda parte Angelo Martins substituiu Vicente. Marcaram os golos de Portugal: José Pedro (2) e Hernâni.

Perguntamos apenas: qual o adversário e o resultado?

Ternura? Apre!...

Primo Carnera, que assombrou o mundo como gigantesco campeão mundial de boxe, dos «pesados», dedicou-se à «luta-livre». Quase sexagenário, ainda há pouco esteve em Lisboa, onde realizou alguns combates que causaram furor entre os entusiastas da modalidade.

Esteve depois na Alemanha, onde lutou contra o «às» germânico Richard Grupe. A foto mostra Primo Carnera a contas com um golpe de respeito. A sua máscara patenteia o transtorno da «carícia» do alemão. Todavia, Carnera acabou por ganhar o combate, após luta «encarniçada».



De ases do pedal a «chauffeurs» de praça

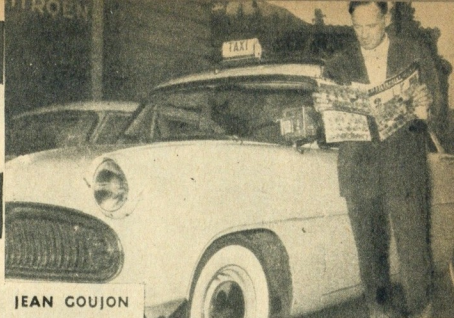
Estes «clichés» mostram quatro antigos ciclistas franceses em acção na sua vida profissional.

Trata-se de Jean Goujon, ex-campeão olímpico; de Delescluses, antigo especialista da «americana»; de Robert Bonnaventure, outrora colega de equipa de Jean Robic e de Chapatte; e de Cuy Solante, antigo campeão internacional de meio-fundo.

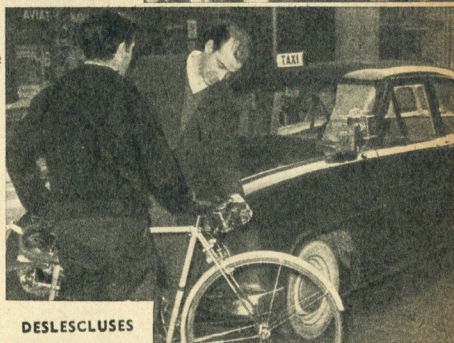
Quiseram os destinos da vida que cada um deles se fizesse «chauffeur» de praça.

E deste modo, eles, que tanto sofreram ao longo das suas respectivas carreiras, quer sobre as estradas, quer sobre as pistas, enveredaram por um modo de vida mais confortável.

Hoje, são motoristas em Paris e gozam ainda do prestígio dos tempos áureos das suas carreiras.



JEAN GOUJON



DESLESCUSES



ROBERT BONNAVENTURE



CUY SOLANTE



São quatro, os jogadores brasileiros do Sporting. Quatro «cracks» que entre nós demonstram já os primores da sua classe. Milinho, Osvaldinho, Vadinho e Ivson. Este foi o último a chegar, mas já anda perfeitamente integrado no ambiente «leonino». Dado que os regulamentos não permitem que os clubes apresentem mais que três jogadores estrangeiros em cada encontro, le o Sporting já possui cinco contando com o sul-africano David Julius) nem todos poderão alinhar juntos, salvo em jogos particulares. Todavia, o problema resolver-se-á pela força das circunstâncias.

«Milinho», cujo contrato termina em 31 deste mês, deve regressar ao Brasil, pois é quase certo que não revalidará o contracto. Osvaldinho é funcionário público no Rio

QUATRO BRASILEIROS NO SPORTING — DOIS DESTINOS PROVÁVEIS!

de Janeiro. Está prestes a expirar o período de licença que lhe foi concedido. Em Junho findará o seu contrato com o Sporting, sendo provável que também regresso à capital carioca. Vadinho é que deve revalidar a ficha, sendo também quase certo que seus pais venham viver com ele em Lisboa. Ivson tem contrato por dois anos.

Regressando dois brasileiros à sua pátria (ou sendo contratados por outros clubes portugueses), já o problema fica resolvido por natureza.

Todavia, quem garante que o Sporting não obtenha novos reforços no estrangeiro?

TONI SAILER famoso esquiador olímpico também joga futebol...

O esquiador austríaco Toni Sailer que nos últimos Jogos Olímpicos de Inverno disputados em Cortina d'Ampezzo (Itália) conquistou três medalhas de ouro, além de praticar esqui, também joga futebol (embora nesta modalidade seja pouco conhecido).

Alinha pela equipa do Kitzbuehel S. C., da II Divisão austríaca. Sailer é considerado dos melhores valores do seu clube, por ser daqueles que não teme seja qual for o adversário que defronte — destemor natural num homem que se lança em arrojos voos pelas montanhas.



Sailer — o esquiador n.º 1 dos últimos Jogos Olímpicos de Inverno



Sailer — o futebolista — bate com decisão uma bola alta sob as vistas dos adversários

VICENTE
foi ao
BARBEIRO...



Vicente é um rapaz sisudo, mas também não se exime de se divertir, se os colegas o desafiam para a brincadeira. Ei-lo comodamente instalado na cadeira do barbeiro. Claro está que o «figaro», ao mesmo tempo que lhe rapa os queixos, vai dando a sua opinião sobre a maneira mais eficiente do cliente cobrir o adversário...

Acontece que os colegas de estágio, depois de analisarem os efeitos da navalha, chegaram à conclusão que havia ainda uns pelos para arrancar, além de que o Vicente não tinha arzanjado as unhas... A foto dispensa comentários.

O certo é que Vicente pôde seguir viagem «apresentável»... Ei-lo na foto em baixo, entre camaradas, dirigentes e jornalistas, antes de tomar o avião que os transportaria a todos ao Sarre.



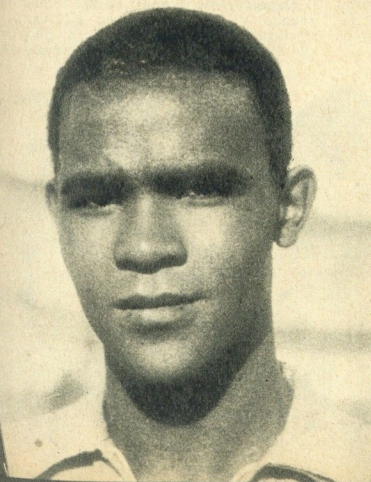
Crónica Desportiva

apresenta
a história de

VICENTE



o jogador que
não quis ser
Matateu II
e... nunca
jogou
na "reserva"
do Belenenses





Eis a mãe de Matateu e de Vicente, rodeada por duas filhas (Albertina e a gentil Suzete, nos extremos do grupo), e sobrinhos.

RECORDA-NOS perfeitamente da chegada de Vicente, a Lisboa, em Agosto de 1954.

Fomos ao cais da Rocha em serviço de reportagem, tendo como única nota de referência que chegava no «Pátria» «um irmão de Matateu». Nem sequer o nome lhe conhecíamos. Mas encontramos Matateu, entre as numerosas pessoas que esperavam os passageiros do «Pátria», e a partir de então era fácil localizar o novo «recruta» dos «azuis». E como nós, muitos entusiastas do Belenenses rodearam o famoso «goal-scórer» de Belém, à espera de ver chegar o irmão.

Vicente — até então designado por «Matateu II» — era anunciado como tão bom jogador, pelo menos, do que Lucas «Matateu» e mais novo. O remate era especialmente gabado...

Imagina-se pois a atmosfera de expectativa entre os circunstantes da «bolsa», que rodeou a atracagem do «Pátria».

Ainda no navio, Vicente foi avistado pelo irmão. Depois, quando desembarcou foi o cabo dos trabalhos. Todos o queriam ver, e escutar-lhe as palavras que ele dirigia a um jornalista (Mário Cília). A custo, o nosso camarada lhe arrançou alguns dizeres para o seu jornal.

Vicente estava demasiado impressionado com tudo aquilo para poder corresponder com desembaraço aos propósitos da «reportagem».

Um sorriso bondoso, permanente.

A DIREITA:

Vicente entrevistado por Mário



valia por resposta eloquente sobre o seu estado de espírito.

Cremos que foi nessa altura que interrogado sobre se era o Matateu II, ele respondeu que não; que era o Vicente. Essa réplica valeu por afirmação que não era à sombra do nome do mano que ele tentacionava brilhar...

Entretanto, resolvemos não intervir nas tentativas de entrevistar Vicente. A experiência dizia-nos que perante aquele auditório de dezenas de pessoas, que não perdiam uma sílaba murmurada pelo novo «reforço» do Belenenses, não obteríamos a entrevista em termos que o jornal pretendia.

Assim, deixámos seguir Vicente com o irmão, no carro deste, e utilizando um táxi, seguimo-los até ao fim — à casa de Matateu, ali para os lados da Alameda de D. Afonso Henriques.

E foi só no ambiente sossegado do seu novo lar (Vicente ficou a viver com o irmão), e tendo como únicos assistentes «Lucas» Matateu e a esposa, que o recém-chegado sem perder a sua timidez inicial mas mais loquaz, nos deu a primeira entrevista.

Depois disso, várias vezes temos interrogado Vicente, sobre um ou outro jogo disputado ou a realizar. Agora, porém, pedimos-lhe a mais completa entrevista, da



Rapidamente, Vicente se tornou uma pessoa popular no Belenenses. Ei-lo na delegação da Baixa a firmar autógrafos, e, noutra imagem, a lustrar os sapatos num engraxador que é simultaneamente um seu admirador.





A ESQUERDA:

Jogo contra a Cuf, entre chamínés... e uma boa defesa do colega Pereira.

EM BAIXO:

Com a querida sobrinha Argentina e os pais desta, no dia do 2.º aniversário da pequerrucha. Esta nasceu no dia em que o pai jogava contra a Argentina derivando do facto o seu nome de baptismo.

sua vida, o que atendeu com o mesmo espírito dócil e compenetrado como há três anos. Mas com a minúcia que o leitores apreciarão:

O MAIS NOVO DE CINCO IRMÃOS

— Nome completo, data do nascimento, e naturalidade? — começámos por perguntar. Resposta fácil:

— Vicente Lucas, 24 de Setembro de 1935, Lourenço Marques...

E acrescentou, à laia de apresentação final:

— O mais novo de cinco irmãos!

— Conhecemos um. Que fazem os outros?

— O mais velho chama-se Alberto Monteiro, e joga ainda no Atlético de Lourenço Marques. Tenho duas irmãs — Albertina, já casada, e Suzete, de vinte e poucos anos, solteira.

— Os três rapazes chegaram a jogar juntos?

— Alberto e Lucas (Matateu), sim. Eu ainda não jogava a sério, quando Lucas veio para Lisboa.

— Mas recorda-se de o ver jogar lá?

— Sim. Não jogava tão bem como cá, mas era já um grande jogador.

— Deve-lhe alguns ensinamentos de futebol? — inquirimos.

— Deu-nos a seguinte resposta — que não será rigorosamente acertada mas define um princípio verdadeiro:

— Não. O futebol não se ensina. Nasce com a pessoa...

TEMPOS DE FUTEBOL... SEM BOTAS

— Fale-nos agora de si, dos seus tempos de escola, de adolescente à volta com a bola...

— Andei na escola dos nove aos quinze anos. Disputei alguns desafios escolares,



mas os principais que fazia eram no «Acrobático».

— Que vem a ser isso?

— É um clube popular, por onde passaram já muitos bons jogadores. O Coluna, por exemplo...

— Era seu vizinho, não é verdade?

— Sim, senhor. Era como da família. O pai dele é até padrinho do meu irmão Alberto.

— Mas esse «Acrobático» era um clube constituído, isto é, com um campo, equipamentos, etc..

— Vicente sorriu:

— Lá equipamentos tínhamos... menos botas. Camisola à Sporting. Jogávamos descalços...

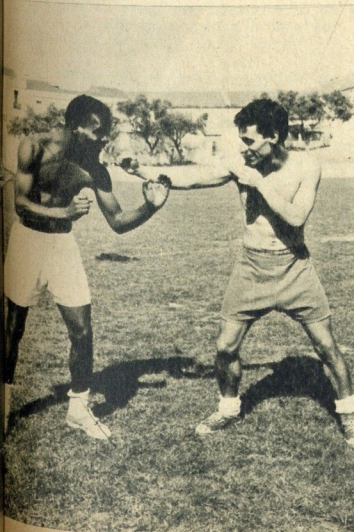
— Descalços?! Como os indianos?! — estranhámos.

— Descalços, sim, porque os nossos campos eram areais. Jogar com botas na areia é muito mais difícil!

— Em que lugares alinhava? Avançado, médio...

— Interior e médio, como calhava — respondeu.

Experimentando forças com o antigo colega Lenine.



Nem Figueiredo nem Águas apanharam a bola, e será Vicente a ficar senhor da situação.

NOS JUNIORES DO 1.º DE MAIO (O ETERNO 4.º CLASSIFICADO DO CAMPEONATO DE LOURENÇO MARQUES...)

— Quando principiou a jogar no 1.º de Maio? — continuámos a interrogar.

— Olhe, foi umas semanas depois de o Lucas ter vindo para Lisboa — elucidou. Prosseguiu:

— Ervim Brás, um «carola» do 1.º de Maio e do Belenenses (aquele era filial deste — elucidámos) viu-me jogar no «Acrobático» e convidou-me para jogar nos juniores. Aceitei tanto mais que o clube me arranhou emprego numa oficina de automóveis.

— Foi o único emprego que teve? — Não. Também estive empregado, como mecânico nas «Obras Públicas».

— Que tal se deu no 1.º de Maio?

— Bem. O meu primeiro treinador foi o jornalista desportivo Carlos Dinis. Pós-me a jogar a interior e avançado-centro. Fui seleccionado para jogar com os juniores da África do Sul — o meu primeiro grande desafio.

Continuou:

— Estive numa época nos juniores e passei a seguir à 1.ª categoria, onde me tornei interior titular.

Sorriu quando disse:

— O nosso clube ficava sempre em 4.º lugar. Nunca lhe conheci outra classificação, que me lembre!

MANDJOMBO!

Inquirimos então:

— Diga-nos, Vicente, o facto de você ser



Vicente, como outros, por pertencer a um clube da A. F. Lisboa, fez parte da selecção da capital contra a madrilena.

irmão de Matateu, e este ser um «ídolo» na Metrópole, não se reflectia na sua própria popularidade?

— Talvez. Os jornais começaram a chamar-me Matateu II. Era assim que o meu nome aparecia nas «linhas» que publicavam.

— E você não gostava?

— Não. Preferia, como depois cá se fez, que me chamassem Vicente. Ou...

— Ou, quê?

— Bem, eu também tinha um «nome de guerra», entre a rapaziada do Alto Mahé.

— Qual era? — inquirimos com curiosidade.

— Mandjombo!!

Teve que repetir várias vezes a pronúncia da palavra, primeiro que pudéssemos reproduzi-la na escrita, e mesmo assim sem lhe poder transmitir o sotaque nativo...

— O que quer dizer Mandjombo? — inquirimos.

— Muita sorte. Não, não sei explicar-lhe a origem desta alcunha...

Nome tão complicado, para rapaz tão simples — e, sem dúvida, merecedor de...

O competente enfermeiro-massagista Pama observa o aparelho de gesso.



Suplente no jogo contra a Turquia.

«Mandjombo», como dizem os seus irmãos de raça!

O LUSITANO DE ÉVORA TAMBÉM ESTEVE INTERESSADO EM VICENTE!

— Vamos lá a saber: quando é que o Vicente começou a pensar em vir para a Metrópole? Ou antes, quando começaram a aliciá-lo? — inquirimos.

— A primeira pessoa que me falou em vir para o Belenenses foi o sr. Cardoso, barbeiro 100 % belenenses! — foi a pitoresca revelação de Vicente.

— E você que respondeu?

— Não me recordo. Mas logo a seguir o meu irmão Lucas escreveu-me a dizer-me para eu ir...

— E então...

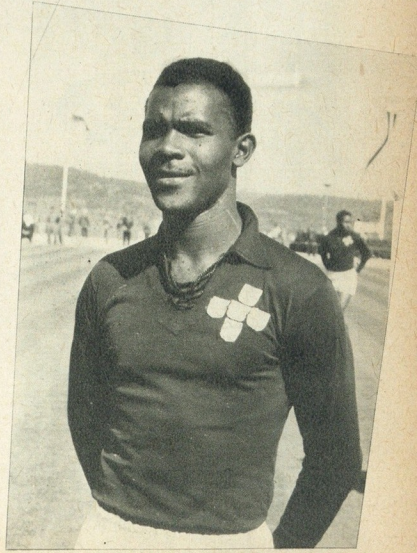
— A nossa mãe não quis. Dizia que eu era muito novo, que não aguentava... E o tempo foi passando.

— Foi o Belenenses o único clube a convidá-lo?

— Não. Pelo menos houve uma pessoa que me falou em nome do Lusitano de Évora, que me disse que se fosse

À DIREITA:

Por enquanto, Vicente só foi «internacional B»...



A DIRE[TA]:

Em Paris, Matateu magoou-se e foi levado em braços por várias pessoas — entre elas o mano Vicente, claro.



EM BAIXO:

...e militar. Ei-lo com Casaca, em Coimbra.



para aquele clube que me dariam 40 contos.

— Recusou!

— Minha mãe não queria deixar-me vir — insistiu.

— Mas acabou por concordar...

— Foi o sr. capitão Soares da Cunha que a convenceu! — foi a inesperada revelação.

NUM REPENTE TUDO FICOU RESOLVIDO!

Pedimos a Vicente para pormenorizar a história desta transferência. O jovem laurentino contou-nos então:

— O sr. cap. Soares da Cunha tinha ido a Lourenço Marques devido aos seus negócios. Aproveitou e falou à minha mãe e irmão mais velho sobre as vantagens de eu vir para Lisboa, tanto mais que tinha cá um irmão para cuidar de mim.

E se minha mãe quisesse vir também podia ser, mas ela é que não quis deixar a sua terra, a Suzete, a família...

E Vicente rematou:

— Num repente tudo ficou resolvido!

Sorrimos intimamente. Quando o cap. Soares da Cunha se mete a fazer uma coisa, fá-la mesmo!...

Sem dúvida que foi um bem para Vicente. Ocioso se torna falar nos conhecimentos e personalidade que vai ganhando, os proventos materiais que vai arrecadando, o futuro melhor que se desenha à sua frente... Pois

se até já pensa num negociozinho... Então, sim, pensará em casar — confidenciou-nos a meio da entrevista.

Levar uma vida direitinha, em resumo — é a sua preocupação.

Ajuizado rapaz. Talvez os seus amigos de infância tenham razão — e ele seja de facto, nem que seja

pelos dotes de carácter um «Mandjombos»...

A CAMINHO DE LISBOA

Reatemos o fio da curiosa narrativa.

Qual foi a impressão que lhe causou a resolução de vir para Lisboa? — perguntámos.

— Fiquei contente... e aborrecido também. Eu queria vir, mas tinha saudades da família...

Depois referiu:

— Foi resolvido tão repentinamente, que eu era para jogar contra o Sporting, na selecção laurentina, mas o «Pátria» levou-me primeiro. Vi ainda o Sporting jogar contra os sul-africanos.

— Custosa separação, não? — perguntámos, referindo-nos à partida.

— Muito, não faz ideia! Um avião arranca de uma vez. Um barco não. Leva duas horas a afastar-se da cidade. E nós a vermos a família a acenar e a chorar...

Para quê perguntar se ele chorou também? Talvez, naquelas duas horas, tivesse amaldiçoado o convite do Belenenses... Como a mãe Margarida, que já viu partir dois filhos para tão longe!...

PRIMEIROS CONTACTOS COM O FUTEBOL METROPOLITANO

Já contámos, no princípio deste trabalho, o que foi a chegada de Vicente à capital do Império. Foi em pleno defeso. Estavam todos os jogadores em férias. Mas houve um

— Vicente não o esquece — que pôs as férias de lado e o levou ao campo. Foi Serafim, o «capitão» da equipa.

— Meu irmão levava-me à Dele-

EM CIMA:

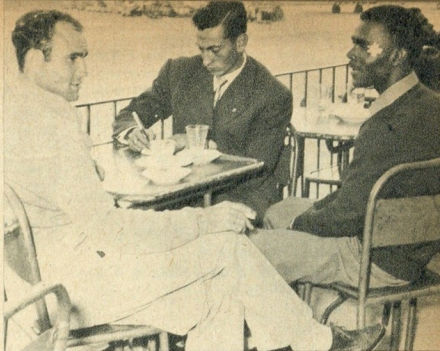
No aeroporto, conversando com Dimas e Carlos Silva. Vicente apresenta um «escrito» na cara — fruto de alguma «carícia» de adversário menos brando...

AO CENTRO:

António José está por terra mas não foi golo. Vicente lá está, sempre cuidadoso.

EM BAIXO:

«Lubrificando» os músculos. Pama encarrega-se da tarefa de pôr Vicente apto a dispender os maiores esforços na defesa da camisola azul.



gação, onde tinha os negócios da tabacaria. Por isso não me podia acompanhar. Então o Serafim perguntou-me se eu queria dar uns toques na bola. Lá fomos às Salésias. Foi bom ir sem mais ninguém. Estranhei muito a relva, sabe?

(Para quem estava habituado a jogar nos terrenos arenosos...)

— Teve medo de fracassar? — interrogámos.

— Um bocadinho, sim — confessou.

— Recorda-se da estreia?

— Sim. Foi na festa de Feliciano e Rogério, contra o Atlético...

— Boa estreia?

— Assim, assim...

— E depois? Passou pela «reserva» ou...

— Nunca joguei na reserva! — replicou sem jactância, com ar, até, de quem pede desculpa de ter triunfado tão facilmente.

— Bravo! Poucos jogadores se podem orgulhar disso. A sua estreia oficial foi então contra...

— F. C. Porto! Marquei um golo...

— Recorda-se desse tento?

— Não sei quem me passou a bola. Vi-me com ela na pequena área e dei-lhe um toque com o pé direito. Cá por dentro fiquei contentíssimo...

— Pudera! — concordámos.

NASCE UM MÉDIO INTERNACIONAL

— O Vicente veio «rotulado» de avançado e artilheiro, mas depressa se tornou um médio — observámos.

— E ainda bem! Foi o sr. Riera que me «puxou» para médio, que considero o meu verdadeiro lugar.

— E no qual depressa se «internacionalizou»... — acrescentámos.

— Sim, mas depressa do que eu supunha... — murmurou.

— Constituívi surpresa, então, a sua chamada à selecção?

— Não contava, não. Fui primeiro internacional «B» contra o Luxemburgo, depois contra o Sarre, suplente à «A» contra Turquia, internacional militar — tudo o que muito longe estava de sonhar quando o «Pátria» me trouxe... Ah! Também fui seleccionado por Lisboa, em Madrid...

— Enfim, está feito um senhor jogador

de futebol... — comentámos. E por associação de ideias:

— Desde que se encontra na metrópole, nunca foi aliciado no sentido de deixar o Belenenses?

— Todos os anos há pessoas a falar-me nisso. Ora para o Sporting, ora para o Benfica... Mas sinto-me bem no Belenenses, além de que (como tenho respondido) o meu actual clube não deve dispensar-me... Decerto!

CURIOSIDADES

Último capítulo. Custos e factos salientes da carreira do nosso biografado.

— Qual foi o melhor jogo da sua vida... até agora? — perguntámos a Vicente.

— Foi contra o Reims.

— O pior?

— Não me fale nisso. Foi contra o mítico Vasco-Santos, no Rio...

— O melhor golo?

— Contra o Covilhã, nas Salésias, na época passada. Lançamento de linha lateral pelo meu irmão, apanhei a bola, driblei um adversário, e, à entrada da grande área, chutei a meia altura.

— Qual foi o adversário mais difícil de marcar?

— Jair, do Santos F. C.

— E o defensor que mais dificuldades lhe opôs?

— Neves, do Sporting de Lourenço Marques.

— Quando deixar de jogar, o que pensa fazer?

— Não sei ainda. Mas antes de acabar a minha carreira, gostaria de ter uma ocupação qualquer, montar um negócio. Tenho tempo, sou ainda muito novo...

— Outros projectos, aspirações...

— Tantos... ser internacional A um dia, ajudar o Belenenses a ganhar o campeonato, e... visitar Lourenço Marques logo que seja possível. Já lá estive este ano, com a selecção nacional, mas uma semana correu tão depressa...

«Mandjombô!» — como quem diz «muita sorte», é o que desejamos ao correctíssimo Vicente Lucas, um jogador de quem o seu clube se pode justamente orgulhar de possuir na suas fileiras.

CIPRIANO NUNES DOS SANTOS

Naturalidade — Almada

Clube: Sporting

Estreia internacional: Em 24 de Janeiro de 1926, contra a Checoslováquia no Porto.

Internacionalizações: 2. Contra a Checoslováquia e Espanha.

OCTÁVIO CAMBALACHO

Naturalidade — Seixal

Clube: Vitória de Setúbal

Estreia internacional e único jogo: Em 17 de Abril de 1927, contra a Itália, em Turim. Marcou um golo.

FRANCISCO SILVA

Naturalidade — Setúbal

Clube: Vitória de Setúbal

Estreia internacional e único jogo: Em 17 de Janeiro de 1930, contra a Checoslováquia.

SEVERO TIAGO

Naturalidade — Sacavém

Clube: Belenenses

Estreia internacional e único jogo: Em 26 de Dezembro de 1926, contra a Hungria, no Porto



OCTÁVIO CAMBALACHO



CIPRIANO NUNES DOS SANTOS

